



## Sujeito e falasser

Maria Angela Maia<sup>1</sup>  
[mangelamaia@terra.com.br](mailto:mangelamaia@terra.com.br)

**Resumo:** Este artigo parte de uma articulação entre passagens do texto "Joyce, o Sintoma" e do *Seminário 23*. O intuito é relacionar os termos *ter*, e *ter o ar de* presentes no primeiro texto ao termo *móvel* apresentado no segundo, a fim de abordar os conceitos de 'sujeito do inconsciente' e de 'falasser'. A imagem de chuva de significantes, em "Lituraterra", e os conceitos de corpo e incorporal, em "Radiofonia", são também explorados.  
**Palavras chave:** corpo; incorporal; sintoma; sujeito; falasser.

**Abstract:** The article supposes an articulation between passages of the texts "Joyce, the Sinthome" and "Seminar 23". The idea is to relate to *have* and *to appear to have*, present in the former text, to the term *mobile* introduced in the latter, in order to address the concepts 'subject of the unconscious' and 'speech being' (*parlêtre*). The rain of signifiers, an image used by Lacan in "Literaterra", as well as the concepts of body and insubstantial in "Radiofonia", are also explored.

**Key words:** body; insubstantial; sinthome; subject; speech being (*parlêtre*).

Deixemos o sintoma no que ele é: um evento/acontecimento corporal, ligado a que: a gente tem, a gente tem ares de, a gente areja a partir do a gente tem. Isso pode até ser cantado, e Joyce não se priva de fazê-lo<sup>2</sup>.

Percebemos facilmente acima uma homofonia, uma melodia sem sentido, em que estão presentes os termos *ter*, e *ter o ar de*, tão adequados para expressar a questão do falasser - *ter* um corpo - e do sujeito do inconsciente, sujeito evanescente - *ter o ar de*.

"Joyce, o Sintoma" é contemporâneo de *O seminário, livro 23: o sinthoma* no qual Lacan se refere ao fato de o homem *ter*

seu corpo como se este fosse um móvel<sup>3</sup>. Destaco o termo *móvel* - *meuble* - que tem em francês, assim como em português, a conotação de substantivo e de adjetivo. Penso que Lacan trabalha aqui com a polissemia para discriminar seus conceitos de sujeito e de falasser. Como adjetivo, o termo *móvel* trata da mobilidade do sujeito, o que demarca sua inconstância, sua variabilidade, na medida em que o sujeito é definido como representado por um significante junto a outro significante<sup>4</sup>. Como substantivo, *móvel* é uma peça de mobília, algo que veste a casa, a morada. Isso permite interpretá-lo como uma das vestimentas do falasser. Essa interpretação se apóia na indicação de Lacan de que a única relação que o falasser tem com seu corpo é a crença: "o falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora todo instante", contudo, "não se evapora"<sup>5</sup>.

Podemos verificar a preparação dessa formulação de Lacan em suas produções anteriores, das quais destaco "Lituraterra" e "Radiofonia". Conforme a imagem da chuva, imagem forte do texto "Lituraterra"<sup>6</sup>, é possível propor uma articulação com concepção de consistência que sai fora todo instante. Pois a chuva de significantes, entendidos como matéria em suspensão, deixa traços, sulcos, marcas no deserto gelado da Sibéria. Os significantes produzem efeitos materiais sobre o solo e ao mesmo tempo são semblantes. Em "Radiofonia", Lacan rende uma homenagem explícita aos estóicos por eles terem assinalado de forma pertinente a relação entre o simbólico e o corpo<sup>7</sup>. Podemos interpretar que para os estóicos é possível diferenciar o que existe - o corpo, estado de coisa - do que não existe, portanto, ex-siste - o incorporeal. O estado de coisa é dado pela mistura dos corpos, quando um corpo

penetrando em outro produz como efeito o incorporal. Tomamos então a liberdade de introduzir, na citação de "Radiofonia", alguns colchetes para confrontar Lacan com o próprio Lacan.

O primeiro corpo [corpo do simbólico] faz o segundo [corpo do falasser], por se incorporar nele. Daí o incorpóreo que fica marcando o primeiro [corpo do simbólico], desde o momento seguinte à sua incorporação [no corpo do falasser]<sup>8</sup>.

Conforme percebemos na citação acima, o primeiro é o corpo do simbólico, entendido literalmente, sem qualquer sentido metafórico, o qual demarca o segundo, o corpo do falasser. É preciso delimitar que o sujeito do significante, da falta-a-ser, se apóia a *posteriori* no falasser. Essa formulação abre duas vias que, segundo nossa leitura, indicam a imbricação dos conceitos de incorporal e corporal. A primeira ressalta a incorporação, pois o corpo do falasser se constitui pela incorporação do corpo do simbólico. A segunda, o incorpóreo que se eleva a partir do corpo marcado, sulcado, do falasser. Portanto, o incorpóreo se faz pela incorporação do corpo simbólico no corpo do falasser.

O que poderia se tornar uma questão é a direção tomada por Lacan no desenvolvimento da segunda via, quando afirma ser secundário o corpo estar vivo ou morto. Ao explorá-la, demonstra que a sepultura é o lugar onde se afirma a espécie humana, porque o cadáver da espécie humana tem a característica de *corpse*, de preservar o que fornecia ao vivente o seu caráter de corpo. "Permanece como *corpse*, não se transforma em carniça, [permanece como] o corpo que era habitado pela fala, que a linguagem *corpsificava*"<sup>9</sup>. Lacan explicita ainda mais, dizendo que isso não ocorre com toda carne, mas apenas com aquelas que são "marcadas pelo signo que as negativiza", e assim elevam-se por se separem do corpo

biológico. Porém, ao lado dessa asserção temos outra, que demarca a presença do corporal:

O corpo, a levá-lo a sério, é, para começar, aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa seqüência de significantes. A partir dessa marca, ele é suporte da relação, não eventual, mas necessária, pois se subtrair dela [da marca] continua a ser sustentá-la<sup>10</sup>.

Portanto, o cadáver - *corpse* - em seu aspecto incorporeal continua a sustentar a marca adequada para situá-lo em uma seqüência de significantes, ou seja, a sustentar a marca da incorporação da estrutura da linguagem. Assim fica esclarecido porque Lacan, ao dizer que o Menos-Um designa o lugar do Outro, mostra que é pelo Um-a-Menos que "se faz a cama para a intrusão que avança a partir da extrusão: é o próprio significante"<sup>11</sup>.

Lacan diferencia função incorpórea e incorporação da estrutura. O real próprio ao incorporeal é sustentado pela lógica, pela topologia e pela matemática. A incorporação da estrutura da linguagem tem como efeito produzir afeto no ser, enquanto falta-a-ser. Contudo, para haver ser é preciso que ele seja dito, referenciado pelo falasser.

Em síntese, temos os seguintes desdobramentos em tempos lógicos:

a) o falasser é prévio, na medida em que há um corpo material, corpo marcado, inscrito, cifrado;

b) com a incorporação da estrutura é demarcado o ser, a falta-a-ser;

c) só há falasser porque ele pode ser dito no a *posteriori* do ser;

d) mesmo quando o falasser se transforma em *corpse*, ele continua ex-sistindo como incorpóreo, mas apenas se puder ser

dito, falado. E para haver fala é preciso o corpo de, pelo menos, um falasser.

Jacques-Alain Miller propõe o termo *corporização* para o que considera estar presente de forma marcante no final do ensino de Lacan por meio da entrada do significante no corpo, que afeta o ser falante<sup>12</sup>. Ele enfatiza a semelhança ao que Lacan nomeará como "efeito corporal do significante" para mostrar que o significante, além do efeito de significado, tem efeito de afeto no corpo - gozo - e não apenas efeitos semânticos<sup>13</sup>. Em outras palavras, o efeito do significante é se corporizar como afecção, e essa afecção é gozo<sup>14</sup>. Penso que assim podemos entender a definição de Miller de sintoma como acontecimento de corpo, que se tornou muito conhecida aos analistas de orientação lacaniana.

Trata-se sempre, com efeito, de acontecimentos de discurso, que deixaram traços no corpo. E estes traços desorganizam o corpo. Fazem sintoma nele, mas na medida em que o sujeito em questão esteja apto a ler esses traços, decifrá-los. Isto, finalmente, tende a reduzir-se a que o sujeito encontre os acontecimentos que estes sintomas traçam<sup>15</sup>.

Percebemos que Miller articula em sua definição os termos *acontecimento de discurso* e *acontecimento psíquico*. Cabe salientar que ele é fiel à diferença feita por Lacan entre *acontecimento* e *fenômeno*, pois o acontecimento concerne aos diversos modos de assunção do vivido pelo sujeito - *acontecimento psíquico*<sup>16</sup>. É durante os acontecimentos políticos desencadeados a partir de maio de 68, em Paris, que Lacan se vale, em *O seminário, livro 18: De um discurso que não seria de semblante*, da terminologia *acontecimento de discurso*<sup>17</sup>. Este corresponde a um dizer que não é de alguém em particular, logo, o sujeito é secundário a ele. Lacan considera que sua publicação *Scilicet*

é um acontecimento de discurso. Pois ele elabora seus volumes sob a forma de coletânea de textos sem a assinatura dos autores, de modo que qualquer autor poderia ser substituído por outro, melhor dizendo, cada autor poderia ocupar o mesmo lugar de um outro. O *acontecimento de discurso* é relativo à estrutura e ao acento posto na distribuição, nos deslocamentos de alguns termos<sup>18</sup>.

Portanto, no que toca ao falasser trata-se, na definição de Miller, de acontecimentos de discurso que fazem traço, marca no corpo e da acepção lacaniana do termo - *meuble* - como vestimenta. No que diz respeito ao sujeito do inconsciente, representado por um significante junto a outro significante, temos à acepção de - *meuble* - como mobilidade.

---

<sup>1</sup> Maria Angela Maia é Analista Praticante - AP. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP).

<sup>2</sup> Lacan, J. (2003[1976]). "Joyce, o Sintoma". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 565. No original: "l'on l'a, l'on l'a de l'air, l'on l'aire, de l'on l'a".

<sup>3</sup> Idem. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 150.

<sup>4</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>5</sup> Idem. *Ibidem*, p. 64.

<sup>6</sup> Idem. (2003[1971]). "Lituraterra". In *Outros escritos. Op. cit.*, pp. 20-23.

<sup>7</sup> Idem. (2003[1970]). "Radiofonia". *Op. cit.*, pp. 400-447.

<sup>8</sup> Idem. *Ibidem*, pp. 406-407.

<sup>9</sup> Idem. *Ibidem*, p. 407.

<sup>10</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>11</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>12</sup> Miller, J.-A. (2004, dezembro). "Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo". In *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (41). São Paulo: Eolia, p. 65.

<sup>13</sup> Idem, p. 66.

<sup>14</sup> Idem, p. 67.

<sup>15</sup> Idem, p. 51.

<sup>16</sup> Lacan J. [1958-1959]. "O desejo e sua interpretação". (Seminário inédito).

<sup>17</sup> Idem. (2006[1968-1969]). *Le séminaire, livre XVI: d'un Autre à l'autre* (1968-1969). Paris: Seuil, p. 83.

<sup>18</sup> Idem. (2006[1971]). *Le séminaire, livre XVIII : d'un discours que ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil, p. 10-11.